



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES

**A BUSCA PELO PODER E SUAS CONSEQUÊNCIAS
EM *MACBÊ* - *SANGUE CHAMA SANGUE***

Karina da Silva Alves

Brasília- DF

2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES

KARINA DA SILVA ALVES

**A BUSCA PELO PODER E SUAS CONSEQUÊNCIAS EM *MACBÊ-
SANGUE CHAMA SANGUE***

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Interpretação Teatral do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra Luciana Hartmann

Brasília- DF

2015

AGRADECIMENTOS

Nessa monografia ressalto a importância da gratidão. E tenho muito a agradecer.

Agradeço a Deus, por me fazer do jeito que sou, e ter me dado o dom de amar a arte.

Aos meus pais, por todo o apoio. Embora não sejam ligados ao teatro, a educação e a liberdade me fizeram ter a arte como paixão. Minhas escolhas e alegrias são graça a vocês! O meu amor imenso é de vocês.

A minha irmã, Ruth Alves, pela cumplicidade, amizade e ajuda durante toda a minha vida.

Ao meu cachorrinho pelo carinho, a amizade e as brincadeiras que tanto me distraem e me divertem.

A minha amiga, Melina Dutra, pela amizade eterna, que faz minha vida acadêmica uma experiência de alegria, amor e muita diversão. Obrigada pela fidelidade.

A toda a turma de Diplomação, Ananda, Anna, Tatty, Victor Odecam, Tath, Victor Carballar e Melina. Muito obrigada pela troca e companheirismo. Nós somos uma família “Mac besta” muito especial. Foi uma experiência inesquecível trabalhar com vocês.

A minha diretora e banca Felicia Johansson, obrigada por tudo, foi uma prazer enorme tê-la na minha vida.

A professora Sulian Vieira, obrigada pela generosidade, paciência e nunca desistência comigo e meus colegas.

A minha orientadora, Luciana Hartmann, por todo o carinho, atenção e generosidade.

Ao assistente de direção, Yuri Fidelis, pela intensa dedicação e apoio. Obrigada por dividir a sua sabedoria conosco.

A todos os professores do curso de Artes Cênicas, por compartilharem seus valiosos conhecimentos, vocês foram fundamentais na minha vida.

Sou muito agradecida a todos vocês.

RESUMO

Este trabalho se propõe a examinar a busca pelo poder e suas consequências do casal Macbeth, com base no processo criativo de adaptação da obra *Macbeth*, de William Shakespeare, denominado *Macbê – Sangue chama Sangue*. Os três capítulos da monografia dividem-se em: o primeiro, a trajetória pessoal e o caminho que leva até Macbê; no segundo, a análise reflexiva e teórica sobre a busca pelo poder no casal Macbeth, priorizando os autores Maquiavel e Foucault; por fim, no terceiro, a descrição da construção da adaptação, com foco na minha personagem, Lady Macbeth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. Capítulo 1 - Eu e minha busca – A ambição de rainha.	07
1.1 A minha busca como atriz.....	07
1.2 O caminho até Macbeth.....	10
2. Capítulo 2 – O belo é podre- O casal Macbeth de olho no título real	17
2.1 O casal Macbeth e sua busca – O saber é um poder.....	17
2.2 O poder de fato – O poder na adaptação.....	29
3. Capítulo 3- O Processo – A coroação.....	32
3.1. A personagem.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, com habilitação em interpretação teatral, tendo como objetivo especular a busca pelo poder na construção e adaptação da obra de William Shakespeare, “Macbeth” montagem denominada *Macbê – Sangue chama sangue*. De fato, essa busca tem muitos caminhos; até mais interessantes que a própria aquisição. Veremos que o autor, a fim de retratar a busca, nomeia como “cobiça” a ação do casal.

A aquisição do poder, através da democracia, faz-se quando o povo é quem elege seu regente. No contexto histórico da peça, o regime monárquico é quem decide quem será o novo Rei. Macbeth, não tem aliança com o povo, toma o poder sozinho, por meio de suas ações. Retificando o “sozinho” através de ajuda sobrenatural e de sua citada “parceira na grandeza”, sua esposa, Lady Macbeth. Bom... nesse casamento, ele podia confiar. Entretanto, lhe faltava mais alianças, pois a falta delas tendencia ao caos, à insatisfação do povo e, por sua vez, à perda do poder.

Meu objetivo é percorrer a busca pelo poder de Macbeth e Lady Macbeth e qualificar suas consequências na montagem *Macbê – Sangue chama Sangue*. Esses personagens (Macbeth e Lady Macbeth) intrigam artisticamente e politicamente, através de uma ficção que sugere características reais da busca pelo poder. Fizemos uma adaptação da obra, percebendo que ela sempre foi contemporânea, concluindo que neste momento há vários Macbeths pelo mundo.

Visualizo em Macbeth, através de uma leitura paralela com as questões de Maquiavel (na obra “O príncipe”), o que seria um bom reinado regido por um bom governante. Shakespeare nessa peça sugere que a falta de sabedoria política quando associada com o caráter cruel, culmina em um final trágico.

As etapas na trajetória dos personagens (Lady Macbeth e Macbeth) permeiam entre eles quererem o poder, terem o poder e perderem o poder. As características psicológicas de

ambição , traição e culpa, promovem algumas atitudes extremamente diferentes, ao longo da peça. Sendo extremamente valorosas, essas oposições, já que o trabalho como atriz tende a revelar tais características humanas. Os personagens exigem uma pesquisa aprofundada aos subtextos que envolvem a dramaturgia da obra, considerando que a personalidade destes é alterada por conta de suas atitudes. A vivência desses personagens, em termos teatrais, pode ser valorosa, um presente para o ator.

O casal se completa: ela tem a mente e ele, a força. São funções diferentes que mais tarde provocam uma descoordenação na relação. Entre a consciência e a força percebo uma relação sanguessuga no casal, de maneira nenhuma metafórica, mas literal mesmo. É como se eles sugassem apenas o que precisam um do outro e ainda soltassem um anestésico, não permitindo a percepção da ação de ambos. A traição, mesmo involuntariamente, começa entre os dois. A vontade, a índole e o sentimento, em ambos, são os mesmos, mas em períodos opostos.

Independente do sentimento de culpa ou da manipulação do autor da ficção, a análise é feita de acordo com cada palavra dita - a ação e a reação descritas desses personagens. No caso de ambos, é visível a autodestruição.

Não pretendo compor uma visão moralista, apenas explorar essa busca e expor suas consequências na obra e na adaptação que faremos com a peça e a suas prováveis conjecturas. Já que a aquisição do poder, não condicionada a uma liderança com intuito de abranger a necessidade da sociedade, selaram um reinado breve, perturbador e uma deposição fatal.

No capítulo um relato a minha trajetória pessoal e o início da construção de Macbê; no capítulo dois faço uma análise objetiva, da busca pelo o poder, do casal Macbeth em acordo com a leitura teórica, em priori, a de Maquiavel e Foucault. E por fim, no capítulo três a descrição do processo de construção da peça de diplomação e da minha personagem.

CAPÍTULO 1

Eu e minha busca – A ambição de rainha.

Neste capítulo, pretendo exemplificar a minha trajetória como atriz, a fim de esclarecer as escolhas que determinaram a redação desta monografia. Além de por em observação como entro nesse processo de diplomação, não só por mérito meu, mas através de linhas traçadas até ele, com a participação de terceiros, ou seja, os provocadores dessa “chegada”. Isso faz da minha trajetória (não só uma história pessoal), mas parte de um conto destinado a acontecer, o conto “*Macbê - Sangue chama Sangue*”.

1.1 A minha busca como atriz

O poder da escolha

Antes de tudo, “tende paciência comigo, meu cérebro embotado esteve ocupando-se de coisas há muito tempo esquecidas”, *Macbeth* traduz o que seria o início da minha busca como atriz. De fato, ela começou bem cedo, mas apenas como desejo, um motivador inicial calmo, presente, porém tranquilo e paciente. O impulso para ação veio acontecer no 3º ano do ensino médio, na etapa de decisões.

Shakespeare, o autor de capacidades complexas, encanta por despertar imaginação. Embora tão distante da nossa atualidade, suas obras continuam presentes e contemporâneas. Domínio, é a palavra que mais me liga ao autor, é preciso ter um olhar muito sensível, para escrever de uma maneira tão poética e imagética que se faz ver. Domínio é o que eu busco como atriz. Seria um sintoma de ambição, ascensão ao poder? Talvez.

Eu poderia começar a situar minha trajetória e os afins de atriz desde a infância, mas a minha trajetória acadêmica é capaz de compacta-la. Primeiramente, afirmo: sou movida pela minha imaginação. Visualizo o meu futuro no presente, desde sempre, e ele depende de uma coisa: satisfação. Quando eu cheguei ao terceiro ano do ensino médio, duas opções me cercaram: a de escolher estudar Medicina ou Artes Cênicas. É importante ressaltar que ambas eram opções minhas, sem nenhuma influência; meu desejo pessoal era primordial. Escolher entre as duas foi possível através de uma intervenção mental, de como seria meu futuro. A satisfação falou mais que a admiração e escolhi Artes Cênicas. Já na prova obrigatória de habilidade específica para ingressar na universidade, eu exibi, por mais que

involuntariamente, o meu instinto; o que comecei a observar no pré – projeto de diplomação. Dentre as peças sugeridas no edital, escolhi interpretar Miranda, personagem da peça “*A Tempestade*”, de Shakespeare, a qual eu nunca tinha lido, porém foi a que mais me cativou.

Melhor título, impossível: “*A Tempestade*”. Ideias, impulsos, vertentes, curiosidades e receios definiram o meu primeiro semestre, aliás, diria que o curso inteiro foi sim, uma tempestade que nunca cessou, mas aprendi a lidar com ela. Logo no primeiro semestre eu não tive dúvida, escolhi certo. Conheço-me muito bem, a intuição me leva ao lugar certo, mas sobre me conhecer, o teatro foi meu melhor professor.

Tento lembrar quando e por que eu quis ser atriz. Voltar no passado, na infância, é um desejo tão antigo que nem sei quando surgiu, mas de uma coisa sempre tive certeza: eu amava atuar. E mais que isso, eu amaria que as pessoas acreditassem verdadeiramente na minha interpretação. A relação entre o eu e o outro: essa é a minha real busca.

Quando comecei a estudar teatro, confesso, pouco sabia sobre o tema. Minha alimentação na ideia de ser atriz foi através de filmes, séries, novelas e a maior delas: os livros. Lembro que sempre lia pensando em ser alguma personagem da história. Porém passei a infância morando em cidade pequena em que não recorde de nenhuma atividade teatral, pelo menos para crianças, e também como eu já havia confessado, apesar de ser antigo, o revelar do desejo de ser atriz é que foi tardio.

Começo a estudar teatro e observo que meu desejo de infância, provavelmente era intuitivo. No primeiro semestre no departamento de artes cênicas, me conheci, reconheci, entendi meu corpo, meus impulsos, minhas limitações, o que me provoca e o que não provoca. Através da ajuda dos professores e colegas comecei a interpretar a mim mesma. Nessa primeira etapa, dois sentimentos me são acordados: respeito e gratidão a todos. Que alegria! Eu estava estudando teatro.

Constantin Stanislavski, em sua obra “*A preparação do ator*” (2012), surpreendentemente ainda atual, de uma maneira primorosa registra seus métodos. Sendo ele o primeiro autor que adentro a estudar intensamente o despertar de emoções semelhantes e diferentes do outro, mas essencialmente interdependentes. Ao estudar as relações, memórias, objetivo, além da leitura, abri o meu material pessoal e encontro (guardada desde sempre) a experiência pessoal, exemplificada: o meu estilo cognitivo individual.

Depois de anos de estudos teóricos e práticos, trocas, experiências, nós atores, desenvolvemos uma observação aguçada, uma maneira de ver as coisas, sentir e guardar. Acredito que todo ser humano tem essa capacidade. A diferença entre os atores é na vontade de recriar e criar emoções. Recriar pode até ser fácil, mas verdadeiramente, esse é o desafio. Observo que a verdade do ator provoca a melhor recepção que o público pode ter: acreditar.

Sobre acreditar, me vem um questionamento: é uma escolha nossa? A resposta pode ser bem mais complexa do que parece. Uso como exemplo, São Tomé, discípulo conhecido por acreditar apenas no que vê e graças a ele Jesus afirma: “Abençoados aqueles que acreditam sem ver” (João 20,29). Ver e acreditar no que vê, pode, é claro, dependendo das circunstâncias ser um dilema de estudo psicológico em que passaríamos a vida para explicar, mas é minha escolha, nesse momento, distanciar-me da pergunta com esse exemplo. No oráculo de Macbeth, por exemplo, ele escolhe acreditar no que viu e Banquo ainda sugere: “... ou será que não comemos da raiz insana, que tem o poder de aprisionar a razão (Shakespeare, em edição 2013)”. Insanos ou não, eles acreditam no episódio e Macbeth, mais que acreditar, escolhe agir para adquirir o que professam para ele. De fato, aconteceu. Ele viu e assim, pode crer.

Sobre crer, era onde eu queria chegar. Ora, quem crê, crê em algo ou alguém, certo? Chamarei estes de intermediários. Temos inúmeros deles na vida. Em Macbeth as bruxas ocupam esse lugar. E no teatro? As bruxas, por exemplo, dão a informação. E os atores? A informação, o texto, a mente, a voz, o corpo inteiro. Ao estudar teatro percebo que o verbo doar explica o trabalho do ator e os sinônimos (oferecer, ceder, presentear) sintetizam a ação de se colocar no lugar do outro. Porém, e a tal da verdade cênica? E a minha busca? O acreditar do outro? Coloco-me no lugar da plateia, aquela que precisa crer, palavra de sinônimos (confiar e desejar), acredito que o público não precisa querer confiar e desejar, pois o acreditar depende acima de tudo, da doação. Se essa, vinda do ator é real, o público crê.

1.2 O caminho até Macbeth

Ao longo do curso, sempre ansiei que a diplomação fosse o momento de explorar como atriz, tudo o que me instigava. Durante o curso sempre fiz escolhas, mas este era o momento de escolher pontualmente e livremente. Sim. Liberdade é a palavra. Era o que eu queria, acho que é o que a maioria almeja nessa etapa. Escolher, extraviar, superar. Eu tinha uma meta: a personagem.

Sobre a primeira aula de pré-projeto, assumo um medo total. A ementa foi bem assustadora, porque nós, um grupo de dez alunos, tínhamos que escolher tema, foco, abordagem, tudo o que trabalharíamos por um ano e meio. Não é fácil, mas tivemos ajuda.

A disciplina Metodologia de pesquisa em Artes Cênicas, ministrada pela professora Rita de Almeida Castro, tinha como objetivo iniciar uma etapa de pesquisa, concluindo uma ideia conjunta perante a montagem de conclusão de curso. Tínhamos que tomar decisões. Estas seriam levantadas e elaboradas pelo grupo. Stanislavski, em “*A construção do personagem*” (2007) pontua no capítulo XIV, “Ética: disciplina e também senso de empreendimento em conjunto”, o que ele acredita ser um estado favorável à criatividade.

De fato, a disciplina nos estimulou criativamente a explorar e expor nossos desejos, principalmente encontrar nossa motivação comum. Traçamos uma linha criativa, guiada pelas nossas inspirações pessoais, porém, mal sabíamos que essa linha era uma estrada para *Macbê* e que o nosso mapa até ele estava sendo feito.

Mapa! Ao escrever essa palavra reflito sobre o passado. Relembro o início da disciplina e reconheço como a nossa intuição nos coloca em situações de natureza, um tanto, perspicaz. Encaro agora o processo como uma viagem, onde o destino seria um lugar em que o mapa criado pelo grupo nos guiaria. Para criarmos juntos, precisaríamos conhecer o caminho que cada um ia nos levar; então deixamos cada um colocar suas placas e especificações. Enfim, chegou a minha vez de sinalizar.

Um dos exercícios básicos do teatro é determinar que os atores realizem o preenchimento de determinado espaço - o que parece simples - mas não é. Entretanto, deixamos de lado as complexidades dos exercícios teatrais, a importância do senso coletivo e pensamos na minha função: colocar-me no espaço. Mas que espaço? *Darwin*, na sua famosa

teoria da “Seleção Natural”, propõe a adaptação ao local àqueles que se ocupam dele, porém ele se prende a características hereditárias. Nós, dez estudantes da disciplina, buscávamos características e diferenças; simplesmente conhecer o outro. Nesse caso, o nosso espaço ideal seria uma descoberta.

O primeiro exercício realizado pela professora foi (ironia ou não) o mapa do eu, onde o contorno desenhado do nosso corpo fosse preenchido por texturas, cores, palavras, fotos... O que quisesse o que melhor te representava. Começo a perceber o dilema do quem eu sou? Já que “o que eu quero ser?” também preenche o nosso eu. Para realizar a atividade era necessário se conhecer.

Durante o trabalho percebi que além de mostrar o seu eu nesse exercício, você se reconhece, se descobre, escolhe ser ou não, mostrar o que é ou não, mas ainda torna-se muito transparente. Mapa do eu, o nome não poderia ser melhor, ele mostra exatamente os traços de cada um. Descobri isso analisando os meus colegas em suas apresentações.

Para mostrar o mapa aos colegas, devíamos apresentá-lo de uma maneira criativa. Interessante que, lembro-me de não ter tido ideia do que fazer, falar de mim nunca me foi agradável, talvez por que detesto me expor e sinto que quando finalmente falo, exponho-me demasiadamente. Busquei dentro de mim o que melhor representaria o meu eu e nada vinha, até perceber o que estava diante de mim - a própria dificuldade. O que para mim é um obstáculo, para o outro é o desafio, ou seja: o meu eu é uma busca.

Sobre minha apresentação, melhor dizendo, minha performance do meu eu, retirei todos da sala e fiz uma espécie de caça ao tesouro. Deixei a sala escura, entreguei lhes lanternas e espalhei pistas, através de penas coloridas que iam decifrando o esconderijo de meu mapa. Ao descobrirem o “tesouro”, havia uma mensagem parabenizando-os por terem conseguido a abertura para me conhecer e como presente, uma caixa de doces.

Primeiro passo: “Quem eu sou” efetivamente completado e apresentado por todos, agora tínhamos uma caravana identificada, e assim, seguimos em busca dos nossos desejos. A professora nos fez duas perguntas importantes, que são:

1. Qual o seu projeto de diplomação dos sonhos?
2. Qual foi o projeto de diplomação feito, pela universidade, que você mais gostou?

Não fui tão sucinta com as respostas. O meu projeto de diplomação dos sonhos é aquele em que todos os meus colegas estariam satisfeitos com seus personagens, com o enredo, o conceito e que passássemos ao público exatamente o que queríamos, o que juntos escolheríamos transmitir. Que a nossa identidade estivesse subjetiva nele, contando em um universo nosso, de uma história nossa, com personagens criados para encenar um espetáculo compartilhando nossos questionamentos.

Obviamente, queria uma dramaturgia própria. Lembra-se do que eu assumi? “A personagem” era o que me preocupava, pois finalmente eu tinha a liberdade para compor quem eu quisesse. É o que esperava da diplomação. Achava que a dramaturgia criada por nós alunos abrangeeria a satisfação de todos, pois teriam seus desejos aplicados. Quanto mais nos conhecíamos, mas víamos aspectos em comum. Era um grupo de alunos muito diferentes, que seguem distantes linguagens, mas que ao promoverem escolhas, são muito parecidos.

Os nossos desejos eram comuns: os livros, filmes, linguagens, temas, cenários, autores. Caminhávamos a um só resultado: Universo alternativo, sonhos e destino. Chegamos a esses três pontos. Sabíamos o que queríamos contar, mas como? A ideia da dramaturgia própria não queria sair da nossa lista de desejos. Entretanto, a professora, mais experiente, sabia das dificuldades e nos convenceu a estipular peças, e ela tinha razão; não podíamos menosprezar sem nem ao menos tentar escolher uma obra pronta. Dentro dos nossos três pontos, claro.

Algumas obras foram trazidas, mas nenhuma peça despertava uma vontade maior em nós, fosse isto pela história, quantidade de personagens, os próprios personagens, universo, etc. Mas no meio de diferentes opções, um autor surgiu em comum. Um que contava histórias que continham nossos três pontos, aliás, um que de tudo já contou.

A professora nos observava, e era quem mais sabia do desejo do grupo, (extremamente sintonizado em suas escolhas) sugeriu que lêssemos: *Sonho de uma noite de verão*, de **William Shakespeare. Era ele, o homem compositor de histórias complexas que abrangeriam nossos desejos.** Foram lidas três obras do mesmo autor: *A Tempestade*, *Sonho de uma noite de verão* e *Macbeth*.

Um dos maiores escritores de todos os tempos, já havia criado nosso universo alternativo. Nós atores, levantamos esses pontos, acredito eu, pensando nos personagens. A motivação do universo em que eles vivem, focando mais no “porquê” que eles escolheram

viver assim, serem assim. Todos os temas que trazíamos eram pensados nas características de personagens que ali seriam interpretados, criados, humanizados. Essa humanização em circunstâncias “especiais” (fictícias e algumas fantasiosas) está nas obras de Shakespeare.

O inglês nascido em 23 de abril de 1564 destacou-se com suas obras de arte, por retratar o humano da maneira mais bela e precisa possível. Desde jovem, mostrou seu interesse pela literatura. Ganhou destaque na dramaturgia, embora até hoje seus sonetos sejam considerados os mais belos de todos os tempos. Shakespeare viveu até abril de 1616. As suas tragédias e dramas históricos, tais como suas comédias são artisticamente referências universais. Dentre suas comédias destacam-se: “Sonho de uma noite de verão” e “A Tempestade”. Entre as tragédias seleciono o clássico “Romeu e Julieta”, inspiração mundial referente a amores impossíveis, “O Rei Lear”, “Hamlet”, “Tito Andrônico” e “Macbeth”.

O legado do autor representa referências imortais, fantasiosas, encantos, bruxaria, entre outros diversos espaços em que os valores humanos são confrontados dentre as mais divergentes classificações dramáticas. A tragédia e a comédia são os mais presentes, por exemplo. Seus personagens representam a dificuldade de definir o humano e suas escolhas, por isso, historicamente suas peças não se perdem com o tempo, ao contrário, acompanha-o e mostra que o enigma das relações humanas ainda são os mesmos. Temos respostas, através das teorias, mas ainda é possível surpreendermo-nos. E assim, as obras de Shakespeare permanecem atuais ainda hoje.

Shakespeare conduz o leitor de suas obras a outros planos de existência, sem deixar de lado uma psicologia rica e extremamente sutil. *Macbeth* foi uma sugestão de um membro do elenco que nos contagiou. Na verdade, ela foi a obra que mais amparou os nossos três pontos. Personagens incríveis, personalidades fortes, história densa, espaços irrealis, tudo que permitia adaptarmos a outro universo, transmitindo a relação com sonhos e destino.

Macbeth é uma tragédia que relata um regicídio e suas consequências. O protagonista Macbeth é um general do exército muito admirado pelo seu monarca, o Rei Duncan. Um dia ele e seu companheiro, o amistoso Banquo, são abordados por três bruxas, que lhe fazem três vaticínios. Tais profecias promovem a ambição do personagem em tomar o poder e ser Rei. Ao relatar o acontecido para a esposa, ela exerce o seu poder no marido e o convence de assassinar o Rei. O ato fatal gera consequências trágicas para o casal que é dominado pelo poder, mas sendo esse, o da culpa.

E por falar em destino, exemplifico a leitura de *Macbeth*. O mais divertido dessa leitura é que ela já demonstrava o que seria o processo. Destino, talvez?! Agora posso observar isso - antes não - eu não poderia prever. Ninguém poderia. Se ao menos as três irmãs senhoras do destino estivessem ali! Opa, calma. Cuidado. Brincadeira!

Brincadeira, isso teve. E como teve! Divertimo-nos, tivemos medo, houve quem não entendesse algo, houve dificuldade com o texto, desconcentração, risadas, inúmeras ideias, ideia nenhuma, quase desistência, falta de foco, foco total, preguiça, êxtase, decepção, vontade de criar. Assim descrevo um pouco do que foi a leitura e assim descrevo como foi o processo.

Naquele dia alguns de nós já havia decidido: Será *Macbeth*. E quase 90% da turma votou na peça. Uma escolha feliz, ela tinha tudo: fantasia, destino, sonhos... Encontramos a nossa peça. No meu caso, encontrei. Lá estava ela, a personagem: Lady Macbeth.

Macbeth, a famosa peça de ambição, poder e culpa, extrapola os limites da arte e capacita uma demonstração política. O protagonista Macbeth é um general do exército bastante apreciado pelo seu monarca, o rei Duncan. Um dia ele e seu companheiro Banquo, também general, são cercados no pântano por três irmãs bruxas que lhes fazem as seguintes profecias:

- “Salve, Macbeth saudações a vós barão de Cawdor.
- “Salve, Macbeth, aquele que no futuro será Rei.
- “Salve Banquo, menos importante que Macbeth, e mais poderoso. Menos feliz, e no entanto, muito mais feliz. Filhos teus serão reis, embora tu não o sejas. Assim sendo... Salve Macbeth! E salve Banquo!

Tais profecias tocam no fundo a mente de Macbeth. Desta forma ele a esposa, Lady Macbeth, tida como uma das mais perfeitas vilãs das obras literárias tornam-se cúmplices de uma traição fatal. Ao assassinares o Rei em busca da coroa, as profecias continuam sendo cumpridas e eles cada vez mais se descontrolam por conta da ambição desenfreada, consequentemente causando uma reviravolta na corte e em suas vidas.

Tal vaticínio das bruxas deixa claro: as artimanhas do poder e a inversão dele que é sugerida na obra. Em que o menos importante sempre foi o mais poderoso. A confusão, que

feita na cabeça dos personagens, é transportada ao leitor, mas veremos que a culpa é uma grande vilã para aqueles que tomam o poder, quando a cobiça provoca descontrolado.

Neste capítulo, vou manter-me no processo da escolha e na metodologia que utilizamos para chegar nela, o material de pesquisa do nosso produto será tratado no próximo capítulo. Aqui faço apenas o relato sobre o início de nossa pesquisa.

Agora que tínhamos nosso universo, precisávamos explorá-lo, para depois alimentá-lo. Iniciamos os estudos sobre *Macbeth*, e alguns dos tópicos que surgiram foram: ambição, medo, poder, oráculo, roda da fortuna, assassinato, traição, loucura, culpa, dentre outros que acabaram definindo grupos específicos de pesquisa. O meu grupo deveria explorar o significado de determinados aspectos presentes na dramaturgia, como a adaga, o escorpião, etc.

“Conjuro-vos por vosso ofício, seja qual for sua origem: respondi-me” (Shakespeare, pg.- 80). Sem dúvida Macbeth, não se preocupa com a natureza dos acontecimentos em sua vida, de onde vêm suas crenças. A ambição é tanta que seus meios de adquiri-la se tornam tão terríveis como aqueles que a professavam. No entanto, eu diria que o autor tem pra ele toda essa preocupação, pois usufruirmos na leitura de *Macbeth*, não só dos ingredientes da maldição das bruxas, mas dos signos e símbolos que completam a magia trágica da peça, verificados em cada linha de sua dramaturgia.

Durante a tragédia, o nosso considerado anti-herói Macbeth passa a incorporar símbolos os quais, cronologicamente, adéquam-se a sua própria condição psicológica e física. Tais símbolos são justamente, a coroa, o punhal, os sons noturnos e o campo das bruxas como um todo. Entre outros que aparecem logo no início, precisamente na primeira fala da peça, em que o som dos trovões e relâmpagos completa o cenário. E por falar em início, ao estudar o simbolismo, não deixamos de lembrar o primeiro exemplo de ambição histórica, no qual Adão e Eva protagonizaram.

O exemplo do casal assemelha-se de tantas formas, mas deixemos que a aspiração de algo maior que sua condição, seja o principal deles. Vejamos as condições, ou melhor, as características: o vaticínio pelo o poder maior, o indiciamento vindo da figura do mal (a cobra, tida como simbolismo da traição), e a figura feminina sedenta e cega às ações e consequências.

No artigo, “*Hail, Macbeth!*”: *uma saudação profética que prenuncia uma condição humana*, de Felipe Xavier (2009) ele argumenta que o poder das palavras “não autorizadas”, contando com a associação a elementos do cristianismo, abre a percepções de símbolos. Os “lugares baixos da religião” acredito que seja uma comparação a campos benignos e malignos, vindo da própria prenúncia que é concebida por bruxas. A figura do diabo, por exemplo, é uma comparação recorrente na obra. As palavras trazem uma crença de que as condições profanas e as idealizações preenchem a tragédia de Macbeth. Culminando, por tanto, em tormentos gerados pelo próprio personagem, melhor dizendo o “preço” de suas ações são friamente cobrados.

Após essa etapa de pesquisa, começamos a tratar de questões mais objetivas, como por exemplo, que tipo de linguagem e direção que iríamos abordar. Foi decisão conjunta não assumir a obra na íntegra, e já sabíamos e queríamos possíveis adaptações. Ideias, conceitos, traduções da peça, foram levantados. E decidimos escolher a professora Felicia Johansson como diretora da nossa adaptação e a professora Cyntia Carla como orientadora de encenação.

Ainda nessa etapa, tentamos comunicar algumas de nossas ideias, à nossa futura diretora. Realizamos uma pequena apresentação, com algumas cenas específicas, e performances que tratavam alguns de nossos ideais. A diretora sugeriu que não definíssemos personagens, para que no semestre seguinte assumíssemos o processo sem pré- definições. E assim, partimos para a segunda etapa, o processo de construção que mais tarde resultaria em *Macbê – Sangue chama sangue*.

CAPÍTULO 2

O belo é podre - O casal Macbeth de olho no título real

Neste capítulo estabeleço uma busca para estipular como o saber da possível conquista do casal, ou seja, a profecia em si, é o provocador que impulsiona o desejo já presente, porém inativo no casal Macbeth.

2.1 O casal e sua busca – O saber é um poder

“Então tentemos colocar preliminarmente a natureza do mal em Shakespeare, já que sua obra não é moralizante, e sobrevive até hoje porque seus créditos morais são mais amplos, mais profundos, mais essenciais, do que sucessivamente impostos por convenções sociais”. (Heliadora, 2004, pg-160)

Maquiavel, em *O príncipe* através de sua concepção observadora histórica, ensina como adquirir e manter-se no poder. Os seus vários modelos não se ocupam de preocupações com a ética. Sua doutrina, precisamente condicionada em como passar o poder adiante ou como conquistá-lo, denotam uma falta de julgamento humano. As normas jurídicas aplicadas pelo autor são praticamente leis. Isso traduz-se portanto numa ironia, pois a prática dessas leis sugere exatamente a não aplicação delas; isso porque para Maquiavel tudo é válido, quando o objetivo é manter-se no poder.

Já que o assunto é poder, começo pelo homem mais poderoso dessa pesquisa. Sendo ele, William Shakespeare, o seu domínio em manipulação de palavras é o que empodera os seus personagens. Nesse caso o considero como o primeiro mestre neste contexto. Em “*Macbeth e a natureza do mal*”, Heliadora (2004) observa o fascínio Shakespeariano pela natureza humana; ele é capaz de enfatizar todos os impulsos humanos poeticamente sem perder o senso crítico que compõe suas obras.

É exatamente sobre essa natureza humana, que pretendo observar com foco no casal da obra “*Macbeth*”, em que embora o direcionamento do autor seja preciso em relação à personalidade deles, a intuição de ambos transcende a liberdade individual de qualquer ser humano. Nesse caso, inicio com um questionamento, como formanda bacharel em Artes Cênicas, colocando a priori minha função de atriz (por-me no lugar do outro). Pensamos na nossa reação às situações da vida e nas possibilidades que nela surgirem, que o casal seja apenas um exemplo, sem crítica determinante de bom ou ruim, apenas exemplo.

É dá natureza do ser humano ambicionar algo. Almejar o poder de determinada coisa, é uma característica presente em todo ser humano. As Teorias da Psicologia podem comprovar. Por exemplo, *Freud*, médico mundialmente conhecido por criar a psicanálise, esclarece, na sua definição de Id, Ego e Superego que esses elementos equilibram as forças que impulsionam o comportamento em busca de prazer do ser humano. A manifestação do poder está presente no mundo a muito tempo, sendo o “poder maior” o mais desejado. Não há como deixar de lembrar-se de certo “anjo mal”, não é mesmo?

A natureza profana em *Macbeth* surge como observação de vários autores. Também promove uma identificação do público com o personagem principal e ao final que a ele pertence. Harold Bloom, em *Shakespeare a invenção do humano* afirma: “Rei Lear é pré-cristã, enquanto *Macbeth*, nitidamente medieval e católica...” Os crimes sanguinários de *Macbeth*, não necessariamente anticristãos, ainda ofendem a moral sagrada que a história da humanidade acompanhou.

Pensando nesse campo de “poder maior”, proponho encarar o misticismo que lhe carrega. Ao longo da história da humanidade, percebemos que quando o desejo ultrapassa a admiração, cria-se um campo perigoso. Faz parte de a natureza humana almejar sempre mais, porém além de desejo, o que é desejado e o como agir para consegui-lo é o que determina, algumas vezes, a índole da pessoa.

Durante essa etapa de desejo, a espontaneidade em observar o outro é comum, isso porque querer algo acontece geralmente quando vemos, quando como já havia dito: admiramos. É onde começa o perigo, querer o que outro tem é absolutamente normal, mas tirar de alguém para si, considerando as próprias leis humanas, pode ser considerado traição.

Ainda considerando o que é desejado, classifico a vontade de “poder maior”, como prioridade de questionamento, *Macbeth*, por exemplo, visualiza na figura do Rei, esse posicionamento. Entretanto a alguém em sua vida ainda mais ambiciosa, Lady *Macbeth* vai além. Ela sim, procura pelo poder total, em prol de conseguir o que o marido quer, ou seja, ela o ultrapassa, querendo conquistar o que para ele já é potente. Por isso, desde cedo ela, por considerar fraca a natureza do marido, assume uma responsabilidade que mais tarde não dá conta. Ironicamente, ela não tem poder para lidar com isso e ele é que passa a ter, sendo a “culpa”, o grande argumento de força dessa situação de incapacidade de prosseguir.

Porém, antes de analisarmos essa condição de Lady Macbeth, vejamos o que precede. A busca pelo “poder maior” começa na primeira fala da personagem, em que ela já denomina o desejo de Macbeth como “sagrado”. Entretanto, conhecendo bem o marido, desacredita de sua coragem. Nomina de “primeiro atalho”, a forma pra ela mais prática de conseguir o reinado, (assassinar o rei) desconsiderando as consequências do ato, melhor dizendo, ignorando a maldade.

Nesse trecho de sua fala: “Queres ser grande e para isso não te falta ambição, mas careces da maldade que deve acompanhar essa ambição (...) que eu possa com a ousadia de minha língua açoiar tudo o que se interpõe entre tua pessoa e o círculo de ouro com o qual parece terem te coroado o destino e o auxílio sobrenatural.” A personagem delimita a falta de maldade do companheiro como um empecilho para cometer um crime de traição. E não ignora o fato das irmãs bruxas terem lhe profetizado, pois já considera esse fato um poder sublime. Na sequência ela convoca espíritos, ressaltando que “onde quer que estejam”, a preencham da maldade, característica essa, ausente no marido. Isso faz dela poderosa por exercer domínios sobrenaturais.

Shakespeare em sua maior tragédia sobre cobiça e poder, não poderia deixar de colocar esse poder supremo de qualidade mítica. Na obra, talvez por virem de bruxas, tal poder tem o aspecto perigoso que falava acima. Entretanto, independente da origem, poderes que são transcendentais às capacidades humanas são geralmente, considerados irrealis ou perigosos. Embora gere sim, uma admiração aos que dominam esse poder, também a uma negação, devido às diversas crenças que compartilhamos. Por isso fez ao longo do tempo a sociedade assumir uma postura descrente ou perseguidora entre os que o exercem.

Observando os aspectos históricos antecedentes da peça, apesar da característica de próprio poder arquitetônico e cênico que a figura de bruxas poderia trazer à sua obra, o autor tinha uma inspiração relacionada ao fato da unificação da coroa entre Escócia e Inglaterra. O Rei James I que fora responsável por tal unificação, tinha uma aversão fóbica a bruxas, desde que lhe convenceram de um enfeitiçamento que sofrera em seu barco. Uma tempestade traumatizante o deixara horrorizado. Assim, as bruxas partiram na obra com uma intenção ideológica, mas ainda claramente valorizando o lado sombrio de agouro, tecendo a tragédia.

Vejo que a figura de bruxas, ao longo da história do ocidente, está diretamente relacionada à função dessas personagens na obra. Shakespeare, sem dúvida foi um estudioso bastante detalhista, as informações passadas em sua obra, foram inspirações para diversos

autores. Suas bruxas são um prato cheio para a idealização de que a obra, realmente, provoca uma maldição. *Macbeth*, considerada a peça maldita, e completa de símbolos e signos precisos muito bem colocados.

Todo esse misticismo sombrio apresenta-se na proposta dramaturgica de Shakespeare com a função de provocar receio, considerando as características que já acompanhavam o ocidente, culturalmente em relação a figuras míticas. Pensando no porquê desse receio, retorno a argumentar o sentimento que o poder sobrenatural, ao qual chamei “poder maior”, incita nas pessoas.

Esse receio é a defesa de uma cultura marcada pelo medo, gerado através da perseguição que o poder sobrenatural causa nas pessoas. *Harold Bloom* explora em *Shakespeare a Invenção do Humano (2000)*, o paralelo entre o “mal força e majestades bíblicas”, com a sugestão de que a peça parece cristã, não por exprimir benevolência, mas porque as ideias do mal nela contidas desafiam explicações naturalistas. Nesse aspecto de “mal força” está o comando desse poder, que tende a ser ruim. Dessa forma os praticantes teriam a natureza de fazer mal. Acredito que a expressão “majestades bíblicas” está diretamente ligada à fonte de poder, sugerindo assim a natureza maligna, pensando nas forças ente bem e mal.

Pensando nessa perseguição, observando quem mais sofreu com elas, são notáveis certas características machistas, ainda mais gritantes, no período em que as bruxas começaram a ter notoriedade. Em uma cultura mundial em que o poder está colocado essencialmente na figura masculina, representantes de uma nova classificação na sociedade, desequilibraram, no passado, povoados mais supersticiosos. Mulheres empoderadas sim, mas de sabedoria, tinham de sofrer com acusações e eram julgadas e queimadas. Associadas com elementos sobrenaturais, o medo que elas geravam eram abafados com suas próprias vidas.

Essa natureza do mal em assuntos sobrenaturais tem a participação da igreja/religião: ela é o juiz. Esse que nem sempre honrou com a representação da justiça. Assim a associação com o mal, pré destinou o conceito de “bruxas”. Entretanto, por mais que pré-julgadas, analisando a história, nada é totalmente gratuito, e que alguns fatos, desencadearam suspeitas reais, fazendo do medo apenas uma consequência.

A primeira cena da obra é protagonizada pelas bruxas, as grandes empoderadoras de *Macbeth*. A trama, eu diria “contra” o personagem (considerando seu fim), aparece antes dele.

O autor condena o encontro do general com as bruxas, mas sabemos que vindo Shakespeare nada é desperdício. E que premeditado ou não, Macbeth ao longo da peça, vai denunciando ao leitor o porquê de sua história ter o prólogo que tem. Onde inicia a tragédia? Como já apontando acima, Shakespeare nos leva sutilmente ao mergulho na história, e como num jogo, descarrega indiretamente pistas que prenunciam à peça, uma grande tragédia.

Macbeth é uma obra que permite uma exploração extraordinária; os seus personagens carregam entre a consciência e imaginação características que quando analisadas desenvolvem inúmeros argumentos. Por isso, a complexidade da obra exprime pensamentos psicológicos e políticos. O autor ganha empatia do público com a obra, pois através desses dois pensamentos citados, podemos alcançar uma percepção e identificação com o protagonista.

A política foi assunto de várias de suas obras, em “*A tempestade*”, por exemplo, Próspero, o protagonista traído tem sua história contada com a presença de críticas políticas e elementos mágicos, numa ilha completa de seres fantásticos. A natureza do autor em conduzir a outros planos de existência confere inúmeras maneiras de poder. Macbeth contempla de várias delas. Ainda falando de Próspero, um homem com poderes eruditos e mágicos, sentencia o final em que a reconciliação supera a dor. Esse é o destino do personagem sábio do autor. Aqui ele contempla o final feliz, quando a magia é acompanhada da sabedoria.

A sabedoria, melhor dizendo, o saber é o poder maior, presente na obra. O poder produz saber (...), não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 2010, p.30).

Comparando as teorias de Maquiavel e Foucault, analiso que Shakespeare consegue unir pontos distantes como arte e política. Ensinando da maneira mais acessível às relações da alma humana para a maior compreensão do que é o homem. Entretanto, percebo que nada tem de distantes essas características, pois ambas se cruzam.

As relações de busca pelo poder, a própria autoridade e “ajuda” de poderes místicos, bem como a própria intervenção profética são em *Macbeth* caminhos que convergem para uma sentença ao protagonista. Enquanto Maquiavel concede poder ao “Príncipe” e ao Estado, Foucault empodera a população. Este ainda afirma a relação que ela tem com a rejeição em que “ela exclui ou exila” considerando a direção que a sociedade pode ter, com base em leis e

moralidades. Nesse caso, o homem quando cria suas leis tem o dever, mas também o poder em cumpri-las.

Tais estratégias entre governantes e governados, em que para o primeiro cabe a capacidade de poder, garantindo-os a qualquer custo e claro cuidar de seus súditos. Quanto ao segundo cabe respeitar as leis e a prática da moral. Essas são as relações que cumprem a política de acordo com Maquiavel. Eis que Foucault deixa tudo ainda mais complexo quando determina que o conhecimento seja a adição ao poder. Em sua teoria o poder e o saber não são dissociados, mas que o conhecimento é resultado da busca pelo poder. Este é o prato cheio para Shakespeare dissociar as relações de poderes e criar um enredo de um regicídio e suas consequências.

Shakespeare veste a personalidade de Macbeth da maneira mais artística e poética possível. Inicialmente faz o protagonista parecer como um herói, ao vê-lo entusiasmado pelo desejo de ter o poder de saber (pensando na premonição das bruxas). Porém vemos que na verdade, o autor conta tragédia de um anti-herói. Já que a sabedoria não foi uma promoção aproveitada da melhor maneira pelo protagonista.

“Macbeth vê a si mesmo sempre como um soldado, ou seja, como assassino profissional e não indivíduo cruel (...). Notório exemplo de coragem, e assim, nada covarde, Macbeth, no entanto, encontra-se em perpétuo estado de pavor.” (Harold, Bloom. 2000 pg.648).

Assumo agora um instinto maquiavélico de analisar Macbeth apenas politicamente, até porque a sentença de homem bom ou não, depende de inúmeras circunstâncias e pontos de vista. O personagem é um general que coloca sua vida a frente do rei. Sendo assim lhe afirmo um honrado patriota. Porém, ainda um assassino, característica óbvia de um general em guerra, mas as execuções dos seus assassinatos são definitivamente bárbaras e até exclamadas por aqueles que o admiram. O autor deixa bem claro o funcionamento da guerra. Todas têm mais de dois lados, por isso o mesmo herói que extermina o inimigo da coroa, é também o próprio vilão para o lado oposto, ou seja, não há justiça total ao julgar ninguém, nem mesmo Macbeth.

Eis o general, premiado com um “Salve”, mas focando na fase Rei Macbeth. Pensado nas suas razões e ambições, me pergunto onde estava à organização harmônica em benefício

da população, a luta por ela. O poder em prol do outro, é nenhum. O governante Macbeth ambiciona o poder para si, só para si, um exemplo de mau governante. As consequências começam a aparecer quando a insatisfação gera a rejeição social apontada acima.

Os personagens Lady Macbeth e Macbeth agem de acordo com suas personalidades, usufruindo do impulso ambicioso, porém as suas ações encadeiam reações inesperadas. O apoderamento inicial é real, mas eles perdem o controle. A ação é despreocupada e a reação que ela produz é uma consequência incontrollável. Os erros do casal e as pistas espalhadas os colocam num risco, fazendo da saúde mental de ambos um pesadelo. A perseguição que afeta o casal real começa deles próprios. Veremos que há uma inversão de fatos na peça por inteiro.

Lá no início da obra, Macbeth escolhe acreditar nas bruxas, mas teme iniciar atos que o levariam a glória que lhe engrandece. Sua esposa ignora a criminalidade dos atos e prioriza o prêmio. Intermediária das bruxas, ela invoca o mal para si, e as auxilia em tentar o general à violência traiçoeira. No primeiro momento, as bruxas e a esposa têm o poder e a capacidade de manipular o protagonista. Adiante vemos que Lady perde o controle, as bruxas chamam seu “filho” (Macbeth) de ingrato e Macbeth toma as rédeas de suas ações.

Não se pode negar que as Bruxas tenham existência própria, mas vale lembrar, mais uma vez, que Macbeth tem mais poder implícito sobre elas do que elas sobre ele. As bruxas nada acrescentam àquilo que já está na mente de Macbeth. (Bloom, 2000, pg.650)

Nesse trecho de Bloom, concluo em minha observação que o poder se esvai de um para outro nesta obra. Shakespeare preenche a vida de Macbeth com ironia, não só das palavras dele e de sua esposa, mas também nas situações que ele convive. As bruxas que lhe enfraquecem o corpo, com pavor e medo, são as mesmas que ativam seus desejos internos. A esposa que nele deposita toda a sua força, é a fraca, que enlouquece após ver a cena de um crime. Seus súditos revoltosos lhe perturbam, e seu companheiro Banquo é o mais fiel, porém é nele que mora o perigo contra a sua coroa. Afinal, quem de fato é o mais poderoso da obra *Macbeth*? O poder passa de um a outro, mas sempre contornando a mesma pessoa.

“Aquele que promove o poder de outro perde o seu, pois tanto a astúcia quanto a força com as quais fora ele conquistado parecerão suspeitas aos olhos do novo poderoso” (Maquiavel, 2014, pg. -19).

Sobre astúcia e força, veremos que essa relação, não está uniformizada na obra, por isso as consequências são indispensáveis. Essa frase de Maquiavel comprova a relação que

completa o casal. Macbeth não se volta contra sua esposa, mas passa a distanciá-la. A sua fonte de astúcia é quebrada, alterando assim a sua força.

A política que envolve o reinado de Macbeth inicia com uma profecia. O primeiro intermediário é sobrenatural; o segundo, através de sua companheira, a primeira a apostar no seu crime; em terceiro, o regicídio. Ao chegar até a coroa ele passa por esses três meios: magia, conspiração e violência. São esses três que ele carrega antes e durante o reinado; são esses os meios que explicam sua “campanha”.

Continuando, com minha anedota sobre o reinado de Macbeth, agora analiso os três principais cargos do seu partido político: a magia, a conspiradora e a violência.

Primeiramente, a magia. Essa aparece como uma garantia superior. As bruxas vêm como assistentes de campanha da chefe superior, Hécate . Essa, mais tarde expõe seu desgosto em relação ao protagonista. “Como se atreveram a negociar, barganhar, traficar com Macbeth em charadas e questões de morte? E eu, a mestra de todos os seus feitiços, a inventora de todos os males, não fui chamada para exibir os meus dons nem para apresentar a glória de nossa arte?” Em sua fala já fica claro de que se alimenta a comissão política da personagem, que são o negócio, a barganha e o tráfico.

A magia

A gloriosa Hécate é a primeira comissionaria, mas também a primeira a ser descartada. A artimanha Maquiavélica de Macbeth com Hécate é crucial, fazendo dela uma suspeita e duvidosa questão: Seria Hécate, credora ou opositora? As assistentes (as três bruxas) em suas primeiras aparições vangloriam-se das maldições lançadas para aqueles que não a recompensam. Por exemplo, a história da mulher do marinheiro que negara castanhas a uma delas, culminado numa perversidade contra o seu marido. Shakespeare deixa claro o que a ingratidão causa nas bruxas, desde o início. E mais tarde Hécate não perdoa Macbeth: “E o que é pior, tudo o que vocês fizeram foi por um filho cheio de caprichos, homem que (como tantos outros fazem) ama suas próprias metas e não a vocês”. Temos aí a insatisfação da primeira descartada, Hécate, representando a magia. E também a primeira consequência para o fim de Macbeth, sendo ela a ira de Hécate.

A conspiradora

Em segundo, veremos o cargo da sua esposa, a grande conspiradora. Lady Macbeth depois de se apoderar de forças malignas, gasta sua energia em prol de convencer o marido a cometer alguns atos. Essas que aparentemente já eram presentes, porém não efetuadas antes do episódio da profecia. Cruelmente irônica e persuasiva, em alguns momentos até humilha o marido para convencê-lo de cometer o crime contra o rei. Ele encontra nela a sua força, e depois de doar todas as suas energias em função do marido, ela é distanciada das próximas ações por ele mesmo. Sendo ela o segundo meio na campanha a trabalhar e cronologicamente ser desprezado. Lady Macbeth morre, e agora o marido não tem mais a sua “parceira na grandeza”, sendo a segunda consequência na vida do personagem.

A violência

Por fim, chegamos ao último meio, a violência. O crime contra a coroa, o ato regicida é o último na trama política, mas o primeiro que Macbeth atua sozinho. A violência é o único meio que ele não abandona, pois daí em diante, é o que lhe acompanha. O não traído domina o personagem fazendo dele um assassino em série. Mais tarde tal dominação é tanta que Macbeth perde o controle mental, sendo essa a terceira consequência dos meios que o defenderam.

A parceria do casal Macbeth vai além da sua própria astúcia, muitas vezes, irônica em manipular a corte. A ajuda sobrenatural também é fundamental, mas sem dúvida, a com sua esposa é a mais bela de se observar. Por incrível que pareça, o casal Macbeth foi mais feliz das obras de Shakespeare, apelidados na própria peça como “parceiros na grandeza” eles dividem a mesma ambição, porém a ironia vem traí-los, pois são completamente opostos na força.

Essa oposição é um componente que permeia a obra inteira. Lady Macbeth, de início mostra-se mais arrojada. O seu calor perverso ofusca a vulnerabilidade fria do marido. Tamanha é a força da mulher, que a temperatura também toma conta do seu parceiro, porém o declínio, além de psíquico da personagem é a morte fria que ela dá a si mesma. Morte essa, invertida da morte calorosa de Macbeth, no auge de sua luta pela coroa.

A visão do punhal por Macbeth *versus* o sonambulismo de Lady Macbeth exemplifica a oposição que acompanha a imaginação do casal. Tais pesadelos representam a forma em que a fantasmagoria do terror funciona em suas mentes. Ela é enlouquecida pelos seus atos

cumpridos e ele pelo temor que tem dos seus atos. Entretanto, em ambos a consequência destrutiva é a culpa.

As imagens que permeiam a peça são na maioria das vezes símbolos incontestáveis. Tal característica confere a própria linguagem Shakespeariana, admirada por tamanha precisão. Os estudos do autor geraram uma curiosidade ao longo do tempo, e a quem acredita que a peça “maldita” está exacerbada de signos maléficos. A própria maldição das bruxas confere ingredientes que convencem uma mistura fatal.

Com base nas pesquisas vinculadas ao simbolismo da peça, adentro primeiramente na que Macbeth foi considerado um anti-herói. O homem sem princípios virtuosos que não pensa politicamente no poder, com intuits sociais, mas apenas egocêntricos. Acaba cedendo a desvios do destino (as bruxas), que o levam a cometer erros e consequentemente a morte.

Não seria, portanto, a saudação inicial — “Hail, Macbeth!” (“Viva Macbeth!”) — o prenúncio de que antes de ser qualquer coisa, de receber qualquer título, ele era um ser humano condenado a ser Macbeth? Sua tragédia não seria parte de sua própria condição de gente? A peça não diria respeito mais a uma pessoa do que a um general, a um thane ou a um rei? Sendo assim, tudo o que a tem de profético não passaria de uma antecâmara trágica? Ou seja, estaria a profecia dizendo apenas que a tragédia de Macbeth é ser Macbeth? (Felipe Xavier, 2009, pg 115).

O questionamento do autor provoca um pensamento de que a condição do personagem parece ser encaminhada após a profecia. Isso seria muito óbvio, considerando que estamos analisando uma ficção, porém licenciando dessa verdade, o signo da profecia, não seria o grande inimigo de Macbeth? Condicionado ou não, as ações dos personagens são voluntárias, por isso o prenúncio pode ser inesperado, mas a sua razão não. As bruxas dizem para Macbeth o que ele sonha em ouvir.

Macbeth contempla a trajetória do anti-herói por demonstrar uma arrogância e egoísmo perante as necessidades alheias. A peça política de Shakespeare é protagonizada por uma corte dominada por um golpe de um traidor. Essa característica de vocação heróica referente ao conto contemporâneo faz o anti-herói muitas vezes ser comparado ao vilão, porém é difícil nomeá-los.

“O individuo na sua natureza e humanidade atravessa a vida defrontando-se consigo mesmo e com o poder, num encadeamento de fatos guiados também pelo destino (acontecimentos sem controle por parte do sujeito, em cujo limite encontra-se a morte). (Chaia, Miguel- A natureza da política em Shakespeare e Maquiavel.)

Macbeth segue sua vida traindo a si mesmo. Oprimindo seus objetivos e se colocando submisso aos obstáculos que impedem seu objeto de desejo: ter poder. A frase que esclarece esse pensamento surge logo depois da aparição das bruxas, em que ele mostra-se distraído em seus pensamentos: “Meu cérebro embotado esteve ocupando-se de coisas há muito tempo esquecidas (Shakespeare em edição, de 2013)”.

O vaticínio do personagem fica claro desde o primeiro encontro com as bruxas. O que provoca a dúvida e suas infinitas interpretações. As bruxas atraíram ou foram atraídas pelo desejo interno de Macbeth? O importante é que ele acredita no que vê. E o leitor também acompanha essa história de profecias realizadas, onde o personagem é quem não descuida em realizá-las, uma sequência de ações ilimitadas que alcançam um fim trágico.

Shakespeare desenvolve um enredo que aborda assunto políticos em várias de suas obras. Ele prefere percorrer no subtexto, nas qualidades internas, do ser humano. Enquanto Maquiavel tem uma abordagem mais prática perante a organização política e seu exercício. Em Macbeth, o exercício do poder é desviado do conceito de política. No que se diz respeito ao compartilhamento de interesses, o casal falha. A irracionalidade desses culmina em tristes consequências.

A leitura de Shakespeare e Maquiavel difere nos interesses. Ambos retratam as ações de governo, mas a profundidade é oposta. Um tipifica a arte (Shakespeare) através da personalidade e o outro a prática (Maquiavel) através das ações. A tragédia política de Macbeth começa antes das bruxas aparecerem, mas as ações iniciam-se depois das suas palavras.

Imaginamos um caldeirão. Este esta sob o fogo. Entretanto não tem nada dentro, os ingredientes estão dispersos, empoeirados, quase esquecidos. As bruxas aparecem: fornecem a receita. Lady Macbeth recolhe os ingredientes, insita o marido a jogá-los na panela quente. Ele joga, assusta-se com o som e a fúria que a panela pré-aquecida exerce com o contato, mas percebe que não se importa com comida queimada e continua a cozinhar seu prato.

Importante ressaltar, o casal é dono do caldeirão. Lady Macbeth, sabe imaginar o prato pronto, mas não tem domínio da quantidade das poções, e peca pelo excesso. Na nossa adaptação esse caldeirão contemporâneo é alimentado pela violência das manchetes da mídia; são esses os ingredientes que temperam a comida envenenada.

Reduzindo o que parecem ser seus principais parâmetros à sua expressão mais simples, podemos dizer que o bem favorece a vida, o mal favorece a morte; moralmente condenáveis são as ações que transgridem a lei natural; a comunidade, a *Commonwealth*, deve ter organização harmônica em benefício de todos os seus cidadãos; o bom governante luta pela existência de tal comunidade, o mau governante ambiciona o poder para si (...). Investiga-se a postura diante da luta pelo poder, com uma explanação da largas pinceladas a respeito das várias formas de mau governo. Tanto a ambição quanto a incompetência, por mais bem intencionada são prejudiciais à comunidade. (Heliadora, pg 160, 2004)

Em suas reflexões shakespearianas Heliadora procura frisar a “natureza do mal de Macbeth”. As escolhas políticas - melhor dizendo - as más escolhas políticas dos personagens de Shakespeare, qualificam o ego do governante. Esse que quando maior que a postura social, culmina com uma revolta dentro da comunidade. A incompetência também está associada ao mau governo, sendo um defeito humano a falta de pensamento político capaz de solucionar ou amenizar os problemas da sociedade onde está inserido.

No teatro, esse pode ser o clímax do enredo da tragédia, mas na história não há pensamento teatral e sim a quem fez ou não fez um bom governo. Maquiavel demonstra, da maneira mais pontual possível, que tudo é válido para manter-se no poder. Nesse caso, Macbeth é o exemplo ideal. Fica claro que para Shakespeare o poder político deve ser exercitado de acordo com as circunstâncias, mas a evolução é presente quando o avanço é amadurecido com justiça e legalidade.

2.2 O poder de fato – O poder na adaptação

São muitos os que têm poder. Na adaptação Macbê, coroamos a mídia para reinar esse título. Através das bruxas, possuidoras do poder feminino, a tecnologia e a comunicação são os complementos que lhe fornecem o comando da manipulação.

Para saber quem és, conheças teu sexo". O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o dever de nossa espécie, nossa "verdade" de sujeito humano. A confissão, o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou de afastá-lo o mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso. (Michael Foucault, 2012: 127)

Pode-se dizer que, ao longo da história da humanidade, o poder feminino foi recorrente, sábio, sutil, quase imperceptível. Não é por acaso que Lady Macbeth é uma das mais perfeitas vilãs da literatura, porém em suas mais famosas falas, ela libera-se de seu sexo. Macbeth é o marido general que descreve em suas cartas as suas aventuras, ela é a esposa entediada que não lhe deu herdeiros. As palavras descritas pelo marido são suas únicas referências de outro mundo, o que lhe provoca excitação. Poderia afirmar que ela vê na figura masculina o preenchimento de força que lhe faltava. Força essa que ela demonstra grande domínio em grande parte da peça.

“Retirai-me aqui de meu sexo e preenchei-me da cabeça aos pés com a mais medonha crueldade (Shakespeare, 2013)”. Por mais ambíguo que possa parecer, o fato do sexo retirado ser um trunfo para personagem, a razão do ato, é outra. Lady Macbeth considera a matéria feminina vulnerável a afetos. A ligação de um filho, por exemplo, pode ser dominante a fraquezas. E no momento nada pode distraí-la. O sangue que representa a vida, representado pela menstruação feminina, é substituído pelo sangue da crueldade de assassinatos.

Considerando os fatos da época, onde o machismo imperante e dominante sobre o sexo feminino, a personagem acredita que seu poder entra quando o seu sexo se esvai. Ironicamente a obra tem o domínio do poder feminino. As bruxas, a Hécate e Lady Macbeth exercem uma grande pressão na vida do protagonista. Elas lhe doam e lhe tiram a força necessária para ele conseguir o que quer. A questão do poder exercida na obra é constantemente agonizante, pois o poder é vulnerável. Quem tem, fornece e quem precisa, perde. O poder se esvai durante toda a peça.

Lá estão às bruxas, mulheres sábias, assumidamente poderosas, mas que o poder ainda insuficiente, não permite viver socialmente. A charneca as acolhe. São essas as três irmãs que selam o destino de Macbeth e também o conceito da nossa adaptação.

Quando nós, alunos da diplomação, nos perguntamos: Por que montar Macbeth nos dias de hoje? Vimos que a peça tem uma capacidade atemporal e contempla o universo atual de disputa pelo poder, às vezes conquistado através de golpes, façanhas e que muitas vezes as ações provocam consequências destrutivas. Perder o poder é muito mais difícil do que ganhá-lo e muito mais fácil de ser arruinado.

O exercício do poder é manifestado com a liderança que certas pessoas possuem de comando e influência nas outras. Nos dias atuais a indústria televisiva é quem mais exerce essa influência. Embora, a mídia venha como a responsável pela informação, nem sempre a realidade apresentada é verdadeira. É aí onde começa a manipulação de interesses.

Em *Macbê* a comicidade e carisma de um apresentador acompanhada da máscara de perfeição das assistentes de palco, são o nosso disfarce da banalização que a mídia tem com público. O interesse pessoal é a maior prioridade. No mundo do programa de auditório, a função das mulheres vai além de assistentes de palco. A imposição da beleza, do ser passivo; os sorrisos distraem a prioridade de pensamento do público.

O prólogo da nossa peça consiste no bate-papo das três bruxas armando o encontro com Macbeth. Isso é feito através do aplicativo: Whatsapp. No nosso contexto irreal, delírio de Macbeth, adentramos no universo da mídia, o podre que sabe ser belo. Sabe ser muita coisa e sabe fazer saber. O poder da mídia é influenciar sem ser percebida. Os comerciais de TV, obras da comunicação, convencem facilmente da necessidade, muitas vezes irreal, que nós telespectadores precisamos de algo novo.

As colegas de palco, sorridentes, gentis e passivas, acima de tudo, cobiçadas. Aparentemente manipuladas, são as verdadeiras manipuladoras, uma espécie de conspiração escondida, pronta para golpear. “Menos feliz e, no entanto muito mais feliz”, a frase dita para Banquo, seria uma afirmação perfeita para chacetes, que são as bruxas de *Macbê*, na primeira parte da peça.

O contexto belo, porém podre aguça Macbeth com grandezas da sorte. Enquanto ele se deixa levar pelo cobiça a mídia tece sua desgraça. Por trás desse disfarce, as bruxas iniciam

suas maldições que irão compor o destino do casal. A televisão é o oráculo contemporâneo. Tem o poder de mostrar, manipular, provocar desejo e o pior de tudo, trair.

“Passando pela arquitetura! O que pensar, além disso, da arquitetura como modo de organização política? Afinal de contas, tudo é espacial, não só mentalmente, mas também materialmente neste pensamento do século XVIII.” (Entrevista com Michel FOUCAULT).¹

A arte manifesta o poder de várias maneiras, como na arquitetura, por exemplo. As igrejas, os palácios, são gigantes construídos com a necessidade de demonstrar a sua posição, sua força. Entretanto, com o tempo as necessidades de utilizar o espaço sociopoliticamente foram superando a exigência e tornando o exercício mais funcional.

A comunicação, principalmente a mídia, sabe o condicionar esse poder do olhar que engrandece algo, ao ponto de deixá-lo atrativo, interessante e muitas vezes necessário. Sobre esse olhar disfarçado que em Macbê é demonstrado ao longo da peça, passando a ser perceptível a relação que o grupo tem com esse universo.

¹ Pergunta feita por Michele Perrol direcionada a Michel Foucault. Microfísica do Poder, Ed- 2014. Entrevista disponível em:

<http://www.bidvb.com:2300/+biblioteca%20dos%20bidvinianos/+educa%C3%A7%C3%A3o/+PSICOLOGIA/BIBLIOTECA/7%C2%BA%20SEMESTRE/Completos/CD%20FOUCAULT%20MICHEL%20-%20MICROF%C3%8DICA%20DO%20PODER/14%20-%20O%20OLHO%20DO%20PODER.doc>

CAPÍTULO 3

O Processo – A coroação.

3. Capítulo - O Processo – A coroação.

Este capítulo tem como objetivo concluir e explicar como a direção e elenco construíram *Macbê* – Sangue chama Sangue. Em foco no processo de construção da minha personagem: Lady Macbeth.

3.1 A personagem.

O prólogo de Macbeth tem como cenário o pântano, constituído sonoramente por trovões e relâmpagos. Tais forças da natureza são transmitidas na peça, entre outras que mais tarde dominam toda a obra. Essa força é o empoderamento de Lady Macbeth e também a fonte de energia, em que nós usufruímos durante todo processo. A energia de *Macbê* foi por muitas vezes fraca, mais existente, melhor dizendo resistente. Nessa etapa de conclusão, nas apresentações finais observo que o grupo sobreviveu ao caos, ao medo, mas que, porém, a insegurança não foi capaz de atrapalhar. Apoderamo-nos da capacidade de encenar *Macbê*; todos adquiriram esse poder. Porém, até chegar-se a esse resultado, foi um longo período de busca.

Ao fim do pré-projeto, ficamos com os apontamentos aplicados pela diretora e orientadora da encenação, a profa. Felicia Johansson e a profa. Cyntia Carla. Terminamos a disciplina com uma simples demonstração do que pensávamos e gostaríamos de praticar na diplomação. Essa encenação foi capaz de estimular possíveis objetivos na construção e unir os pensamentos entre elenco e direção. Encerramos com uma proposta da direção que consistia em promover a escrita de uma nova adaptação de *Macbeth*, com base nos desejos expostos pela turma.

Iniciei a diplomação com a mente repleta de ideias que junto com os colegas criamos e alimentamos. O estado de ganhos criativos era incansável e proveitoso. As ideias novas, pesquisas, descobertas e releituras marcavam presença, mas tivemos que lidar com uma novidade: a perda. Primeiramente, a nossa turma de dez alunos, foi alterada, pois um dos quatro meninos desistiu a disciplina. Estando no início do processo, esse não foi de fato um problema maior, mas sem dúvida, teve consequências na construção da adaptação motivadas

pela redução do elenco formado por poucos componentes do sexo masculino. Superamos a nossa primeira experiência, mas as frustrações ainda estariam por vir.

Embora a tentativa de escrever uma adaptação não tenha sido concluída, a direção tinha ideias e objetivos bem claros quanto a ela. O uso da metalinguagem foi proposto e tido como uma tentativa para o grupo. Assim, o nosso processo de criação começou com os exercícios focados nessa objetividade. Ao refazermos uma leitura e levantamento de questões, a disputa pelo poder reinou novamente em nossas prioridades, e estando ainda num contexto histórico presente, atual, motivamos ainda mais essa questão.

O uso da metalinguagem viria, em *Macbê*, como uma estratégia de distribuição de texto, além de crítica política, disputa, traição e atualidade. Todas essas características completariam o conceito da obra. Entretanto, houve uma dificuldade de levantamento, pois dramaturgicamente seria um desafio contra o tempo, pois teríamos apenas dois meses para realizar a adaptação. Além de que a proposta exige um conhecimento profundo do carisma e desejo do grupo. Outras dificuldades apareceram. A própria insatisfação de alguns em utilizar a metalinguagem, foi uma delas. Eu, por exemplo, tinha meus questionamentos, porém concordei em experimentar. Tínhamos essa total liberdade de experimentação de ideias e acredito que a pressão da diplomação foi a principal culpada do clima de frustração que se instaurou na equipe.

Começamos a nossa busca pelo poder de montar essa peça. Estávamos com um prêmio nas mãos e não conseguíamos fazer uso dele. Embora a obra acarretasse todos os nossos desejos, nos deparamos com a dificuldade em montar Shakespeare. A obra nunca deixara de ser atual, mas a linguagem complexa e distante desafiou-nos a montar uma adaptação reflexiva e moderna.

Ainda provocados pela possível utilização da metalinguagem, descrevo nosso processo especificando alguns dos exercícios elaborados. A maioria dos exercícios eram experimentos da professora para conhecer o grupo, ela que desde cedo assumiu uma responsabilidade com a dramaturgia, tinha de ter uma percepção profunda da nossa linguagem. O exercício de improviso de determinada parte do texto, com base em *Jacques Lecoq*, autor francês reconhecido por proporcionar um método de compreensão da arte teatral, promovia a imagem da cena. O grupo criava determinada cena, através de oito imagens no máximo, sem fala, apenas com mímica, uma espécie de foto-imagem. As imagens paradas em ordem cronológica tinham que ser suficientes.

Ainda partindo dos exercícios, ao estabelecermos o conceito de empoderamento da mídia, partimos do seu maior exercício: o de manipular. Embora assumidas e reconhecidas as possíveis armadilhas que a mídia elabora, ainda temos, focando aqui no Brasil, uma enorme motivação para se está na mídia. Ela, sem dúvida, é uma arma de poder que enfeitiça facilmente. Outro exercício do processo que esclarece esse “querer” está na mídia, foi à primeira experimentação da chegada do Rei. Simbolicamente o personagem mais poderoso da obra, teria de ter uma aparição superior.

Considerando o contexto da cena do pântano, em que MacBeth e Banquo estão impressionados, no pântano, com a aparição das bruxas é claro, nós alunos, despreocupados com a dramaturgia fiel, representamos a fanfarra da entrada do Rei de uma maneira mais contemporânea. Esta entrada foi improvisada a partir de um conceito que define a mídia como abutres - o “paparazzo” – esse foi nosso exemplo. Sendo mais descritiva: Macbeth fora abordado na “rua”, por um fotógrafo que o saudara por ser o novo Barão de Cawdor. Ato que já tinha sido declarado pelo Rei, ocuparia o topo das notícias. O paparazzi teria seu dia glória, pois a entrada inesperada de Duncan, o encontro do general promovido junto com Rei, sairia na primeira página.

Assim, a cena estava improvisada, e teatralmente, o espaço foi dividido pela ambição de estar no poder. O fotógrafo vangloriava Macbeth e ignorava Banquo, enquanto o Rei Duncan representava a imagem do poder. Nessa cena, todos desejavam serem vistos ao lado do Rei na fotografia. A repercussão causada pela mídia enriquece a imagem de tais poderosos que vivem nesse universo. Ao aperfeiçoamos o improviso, tal cena que realiza a primeira profecia destinada a Macbeth, tornou-se uma entrevista estilo “Globo News”. Esse seria mais um poder de manipulação e disfarce que desempenhavam as bruxas, o de jornalistas.

As três bruxas de *Macbê* também interpretam diferentes jornalistas, elas fazem entrevistas em momentos importantes da peça. No nosso universo irreal, sonho/ consciência de Macbeth, as linguagens televisivas são utilizadas para confundir e trair a cabeça do protagonista. O apresentador e as jornalistas, não tem só a obrigação de moldar a dramaturgia recriada, mas também conceitual, pois esses acabam amarrando a peça por completo, destruindo o trono de Macbeth.

Ao longo da peça temos três momentos de entrevistas. Essas foram precisamente pensadas como grandes momentos da obra. A segunda entrevista é logo após o assassinato do Rei, em que Macbeth é abordado e acusado por ter matado os camareiros do Rei. A jornalista

atiça o ato do general, já que ele, completo de ironia e perversidade, encena um crime defensivo diante das câmeras. A cena exerce uma espécie de plantão televisivo sensacionalista, em busca da melhor versão da história, e nenhuma preocupação com o fundamento e a própria natureza do crime. Nesse momento, lhe é anunciado o poder, da coroa fazemos o curingamento do personagem, entrando na fase Macbeth Rei.

O terceiro e último momento das jornalistas é também o prato cheio para a mídia perversa. Essa entrevista tem um estilo característico de um programa de auditório. O momento é fútil, mas de completo destaque. Fatos semelhantes a este, presenciamos na nossa realidade, pois a vida valorizada na televisão, a notícia, está cada vez mais banal. A jornalista ataca o casal Macbeth numa espécie de coletiva de imprensa, e as perguntas que lhe são feitas, oferecidas por internautas, são sobre riqueza, castelo, filhos, etc. Macbeth desconcertado, acabara de cometer mais um crime, e “ao vivo” surta, por ver o espírito de Banquo.

Envolvido pelo medo e culpa, o novo Rei Macbeth envergonha a esposa, mas alimenta a audiência para quem quer ver o seu fracasso. Neste momento, Lady Macbeth chega a uma conclusão: seu marido perdeu a sanidade. A esta altura da peça, as minhas cenas já haviam passado, pois apresentei até o início do segundo ato. Pretendo fazer uma retrospectiva, focando em como minha personagem reagiu a todos esses ataques da mídia e degradou-se diante dos acontecimentos.

Quando dividimos os personagens, o nosso elenco ficou da seguinte forma: três atrizes diferentes faziam as bruxas e as jornalistas, dois atores dividiam Macbeth e o apresentador, três diferentes atrizes interpretando a Lady Macbeth e apenas um ator interpretava Banquo. Primeiramente, a figura do apresentador tinha uma função dramaturgicamente de contornar um corte espesso da obra. Graças à direção, tal corte foi fundamental para a criação da adaptação.

Nós atrizes que interpretamos Lady Macbeth, nos preocupamos em distribuir as cenas das personagens com as seguintes funções: inicialmente a primeira aparição dela seria composta pelas três atrizes, uma espécie de apresentação. A primeira, “Lady do convencimento”, teria um peso em confrontar o marido. A segunda, “Lady Rainha”, já assumiu seu posto desejado. E por último, a “Lady afetada pela loucura”, pois já não resistia aos surtos do marido e foi completamente afetada pela culpa. Ocupei o lugar da primeira Lady: a do convencimento. Descreverei a seguir como criei a personagem.

Como a atriz que assumiu o primeiro estado da Lady Macbeth, uma palavra me perseguiu: força. Relembrando todas as dificuldades que passei no processo, observo que um dos meus grandes erros, ao construir a personagem, foi julgá-la. Lady Macbeth é uma esposa que em determinado contexto, não mede esforços para alcançar seus objetivos. Dessa forma não posso julgá-la, mas vivê-la. Eis aí o meu grande obstáculo, o mais óbvio possível, não interpretar a Lady, mas ser a Lady.

Mas como concretizar essa força tão potente que ela exerce sobre o marido? Ao longo do processo, canalizei essa força em lugares que só prejudicaram a minha interpretação. A tensão ocupou um lugar pertencente à sutileza, a ironia e a sensualidade da personagem. De certa forma, essas são as armas de convencimento, essas são partes da força de Lady Macbeth.

O empoderamento da personagem é dado pelo autor através de suas palavras. O texto, especificamente a minha parte, é repleto de atitudes e argumentos que designam a personagem convencer o marido. Com o auxílio do assistente de direção Yuri Fidelis, pude ter esse domínio e entendimento total do meu texto, que mais tarde foi aprimorado vocalmente com a preparadora vocal, profa. Sulian Vieira.

Acredito que o poder exerce uma característica de ocupação total. Por exemplo, no primeiro capítulo quando narrei sobre o exercício de ocupar o espaço, mostra que o ator quando possui total devoção, preenche o teatro com sua presença e luz. Essa capacidade de tomar o local é uma demonstração de poder. Por isso, a personagem precisaria de um empoderamento completo - que não fosse só em suas palavras - mas que preenchessem seu corpo inteiro.

O corpo, desde o início, foi mais explorado pela direção. A turma tinha uma característica comum em fragilidade nesse aspecto. Como atriz esse foi meu grande desafio: unificar a palavra ao corpo. Fato que também foi observado pela banca, como uma melhora, no entanto ainda não conquistada.

Os exercícios de base corporal, integração e sinuosidade entre a movimentação, foram os mais exercidos e explorados pela direção. Tudo isso para adquirirmos um corpo mais dinâmico e potentemente livre, sem “marcas” (aspectos visíveis de dificuldades corporais do ator). O corpo de Lady Macbeth teria que transpor o poder sutil, sem necessidades maiores, pois a personagem não precisa de mais que isso.

A primeira cena de Lady Macbeth é dividida em três momentos, interpreto o terceiro e último momento, na qual ela tem o primeiro contato com o marido. Considerado que somos uma só personagem, (eu e as outras duas atrizes) me encarreguei de tomar os fatos das cenas anteriores, nas quais Lady Macbeth observa o marido como se tivesse assistido a entrevista que acabara de acontecer (no contexto da adaptação, pois na obra ela lê a carta enviada por ele) e comanda espíritos para lhe ajudarem a fortalecer a traição. Nesse momento, temos a primeira relação da esposa com o marido.

O casal Macbeth, sem dúvida, foi considerado mais feliz das obras Shakespearianas. Isto com base nos poucos momentos que o autor lhes oferece de harmonia. A cumplicidade e parceria são fatores presente, ainda mais fortalecidos pelas nuances e crises em que eles superam. Como atriz que atuaria nesse momento, eu carecia de aproveitar ao máximo esse pequeno trecho que exhibe a relação amorosa do casal. Nessa cena, a Lady Macbeth tem completa empolgação e comandos sobre o marido, quase ignorando o fato de esse estar chegando de uma guerra. Com isso, considero que errei, no primeiro semestre, em valorizar os aspectos mais agressivos da personagem. Quando finalmente deixei de julgá-la, pude valorizar cada palavra e atitude da personagem. Nesse momento descobri a ironia que ela domina.

Ainda pensando na primeira cena, uma primeira intenção seria enredar o marido em suas palavras. A movimentação circulara o marido, uma espécie de teia que o domina. Na cena, Macbeth percebe que a esposa está mais distraída com os planos do que com o próprio retorno do marido, algo que o irrita. Ela o sufoca com comandos para com o Rei, e ele se dá conta que para ela, o golpe é uma certeza. Mais tarde, essa dominação da teia ficou apenas interna, a intenção de serpente circundando a presa era a minha maior inspiração. Afinal de contas, o reencontro com o marido teria de ter o calor do momento e o primeiro ataque de dominação. O conceito de animal predador que cobiça e espreita - característico de uma cobra - por exemplo, foi à motivação da cena.

Para representar esse domínio, eu precisava transpor o “poder sutil” no qual havia citei anteriormente. Lady Macbeth não precisaria de forças maiores que suas palavras para comandar o marido. Teria de ser essa serpente que apenas seduz, mas possui um ataque fatal. Em uma das várias experimentações que tive com o assistente de direção Yuri Fidelis, descobri uma força que mais tarde foi promovida com a intervenção da professora Sulian

Vieira. Depositar a energia em empurrar o chão. Isso me ajudou não só com gesticulação de movimentos, bem como nas palavras.

Ainda pensando no conceito do animal e a movimentação da serpente, estimei a movimentação leve, mas com um peso interno de perversidade que a cobra tem. Essa energia que o animal exala é tão sensitiva quanto à personagem, pois o ritmo e a suavidade predominam, sem deixar de ser forte. Quando coloquei o peso no chão, liberei os braços e ainda pude alcançar melhor as palavras e a intenção trabalhada na voz.

O exercício de imersão, provocado pelo Yuri, me fez descobrir a leveza e a independência da personagem. Durante o exercício, ele me fez alguns questionamentos e ao me perguntar onde estava o inferno, apontei prontamente para a minha própria cabeça. Coincidência ou não, a coroa é o inferno que arruína o casamento e a mente da personagem. Quando pedi que ele fizesse uma intervenção, estava em uma fase de receio, com certas perdas da personagem, sentia que ela esvairia aos poucos, e ainda tinha um semestre pela frente. O meu colega sabia que esse domínio estava apenas inativo. Ao final do exercício, me surpreendi com a não interferência dele em me proteger como atriz. Ele me comprovou essa força interna, pois durante toda a imersão mesmo de olhos fechados, a sensibilidade que adquiri no exercício não me deixou esbarrar em nenhum momento nos vários obstáculos que havia espalhados pela sala.

Naquele dia, pude perceber que poderia tomar o poder. Ironicamente, esse era como a própria personagem, ia se exaurindo. A beleza de fazer teatro é ter poder, afastar-se de si e ainda mostrar o seu melhor. Isso tem haver com superação, pois eu o recuperava de uma maneira diferente a cada apresentação. Entre a Lady e a atriz, existia a diferença que uma delas não teria segunda chance, pois Lady Macbeth morreria e perderia seu poder, sempre. De certa forma, acreditei que eu também não teria segunda chance, pois cada apresentação foi uma batalha e a vitória era algo incerto.

Na segunda cena em que participava, tínhamos o momento da armação contra o Rei. O programa de auditório se engrandeceu com a participação da honrada anfitriã. Engana-se quem acredita na mídia com sua beleza e tentação. Engana-se quem se deixar levar pelas palavras, embora sugestivamente irônicas e farsescas, de Lady Macbeth. A cobra novamente seduzia e abocanhava com os olhos seu alimento. A coroa que fora trazida, o rei frágil em sua frente, a não desconfiança de ninguém, caracterizava o cenário perfeito. A mídia escondia tudo, era só dá o bote.

Sorteado para morrer! Essa fora a real condição do Rei que vinha da plateia, tão manipulada e enganada pela mídia. Havia uma frase em especial que pairava na minha cabeça, como personagem, naquele momento em que o rei se direcionava ao palco, mas apenas como atriz, entendi suas consequências. Macbeth, em momentos anteriores, ao cumprir sua primeira promessa, tornara-se Barão de Cawdor. Inebriado em suas fantasias, proferia a tal frase especial: “Se a sorte de mim fizer Rei, então a sorte poderá coroar-me sem que em prol disso eu precise agir”.

A sorte e a morte caíam sobre ele. O jogo estava ali, representado na barganha da traição, do destino, da perversidade de comandos - quem sabe uma conspiração universal - que não temos o poder de controlar. Estava sendo representada de forma cômica, uma sorte fatal, maldita sorte que levaria o rei a morte. O mesmo que acontecia à nossa frente com o protagonista, o mesmo que acontecia Macbeth. A ambição cegou, assim como a mídia cega a verdade. O jogo de roda da fortuna já obtinha um campeão, como nos caça níqueis, “a banca sempre ganha”. E eu (Lady Macbeth) não enxerguei o que a própria intuição fazia questão em me atentar. Quando me dei conta, Macbeth já tinha perdido.

Depois de enredar, manipular e armar, chegara o momento de convencer. A propósito, refiro-me à Lady Macbeth, não à mídia. Aí está o poder da personagem: a ironia.

A cena do convencimento do assassinato estava completa de ironia, pois a perversidade da personagem em humilhar o marido tinha uma quantia de exagero. A decepção da personagem se transformara numa ira, tendo em vista que o desgosto dela sobressaiu até um esgotamento de ações. Macbeth, para mim é um grande homem, e para a esposa, mais ainda. O fato dele se acovardar de um assassinato, considerando seu cargo, deixara a esposa incrédula e frustrada de uma forma que a cena representa uma demonstração célebre de manipulação e poder.

Antes de a esposa entrar em cena, Macbeth acabara um solilóquio que sugere sua desistência. Quando a Lady surge empolgada com os acontecimentos, surpreende-se com a postura do marido. Assim, o ataque começa. Decepção, humilhação, apelação amorosa, acusação completas de ironia degradam Macbeth, até ele lhe implorar paz. Tamanha é a capacidade de poder da personagem, que ela domina a cena, arrancando cada força do marido em reagir. Assim, as palavras de Lady Macbeth vão engolindo as de Macbeth.

A direção me auxiliou na movimentação que comandaria Macbeth e valorizasse a briga do casal. Mais tarde, essa movimentação teria de ser mais intuitiva e natural, enquanto a palavra e a preparação vocal se encarregaram de me fazer entender essas atitudes que fortaleceriam o entendimento e a verdade do texto. Através desse entendimento, ao focar nos verbos do texto, intuitivamente as atitudes e a gesticulação cediam à necessidade corporal. Graças a essa intervenção, adequei a palavra ao corpo, retirando as tensões de lugares errados, e pude melhorar em cena. Sinto que a palavra e o corpo se completariam, ainda mais, se tivéssemos mais tempo para trabalhar.

A cena teria uma ordem de: surpresa – decepção – humilhação – apelação - convencimento. Ao chegar à beira do convencimento, o casal volta a ser o mais forte das obras do autor, com isso a união e determinação toma-os novamente. Ignorando os objetivos, bela é a relação do casal Macbeth, pois ambos exalam cumplicidade. Ironicamente tal cumplicidade também é mascarada, pois como estudante da peça, acredito que o casal testa-se durante a obra. Macbeth, fala da sorte, mas escolhe agir. Desconfia das bruxas, porém acredita nelas. E por fim, indaga se sua parceira realmente está com ele em qualquer circunstância. Por vezes, acreditei que Lady Macbeth apenas estaria gastando energia com o marido, pois ele nunca pensara em não agir. Entretanto, quando realmente vivi a personagem - aceitando circunstâncias do momento e observando cada palavra dessa cena - já não tive tanta certeza. Cabe a eu escolher pensar como atriz ou como a personagem, um questionamento irrespondível. Tal como o aparecimento das bruxas: tentação ou atração? Esse poder é apenas do autor.

Lady Macbeth convence Macbeth com um poder maior que o de qualquer outra esposa. Os espíritos e o sexo retirado a fazem colocar em jogo a própria falha feminina em não lhe dar um filho. Quando a criancinha, olhando-lhe calorosamente não é um empecilho para crueldade, a Lady causa Macbeth a demonstrar o primeiro sinal de vencido, amedrontando-se do fracasso do ato, e não mais do ato em si, neste contexto ela diz: “Já amamentei, e sei como é bom amar a criança que me suga o leite. E, no entanto, eu teria lhe arrancando das gengivas desdentadas o meu mamilo e, estando aquela criancinha ainda a sorrir pra mim, teria lhe rachado a cabeça tivesse eu jurado fazê-lo, como tu jurastes fazer o que queres fazer.” (Shakespeare em edição de 2013).

Ela mais uma vez o domina com sua voracidade e sua aplicação com o plano perfeito, desarmando o medo do marido, e armando sua determinação. Ele admira seu ardor insinua a

sua capacidade de ter apenas filhos homens. De certa forma ela substitui o herdeiro pela coroa, como presente para o marido. Os dois exercem uma relação fortemente sexual, a cumplicidade é tanta que os atos comprovam uma união capaz de tudo.

É chegada a hora! Na quarta e última cena que faço de Lady Macbeth, o conceito de “Time” completa a cena. Uma personagem que sente o tempo o futuro neste mesmo instante, está sempre à frente dos planos, demanda o ritmo da cena no assassinato. A cena em que a Lady está a espera do marido, enquanto ele comete o ato, é representada pelas três Ladys que assistem pelas câmeras do castelo o assassinato. Ao som de “Time”², música de Pink Floyd, o assassinato representa o tempo que não pode ser perdido e que não voltará nunca mais, pois a tentativa, e não o ato em si, é o que pode aniquilar o seus planos. “And there is time to kill today” para Lady Macbeth, nem o tempo pode refreá-la.

A motivação interna da personagem - ele vai cometer o ato - representada e reverberada pelas três atrizes. Nesta cena, competíamos com a projeção literal do assassinato do Rei, apesar de nossas palavras estarem por cima da música. O ritmo e o tempo eram os desafios a serem cumpridos. Ultrapassar o poder do tempo era o nosso objetivo. A cena caracterizava o momento de grande conquista da personagem, pois tudo que ela trabalhara seria cumprido naquele instante. O “boa noite mais horrendo”, como disse Macbeth, era ignorado pela ambição das portas que seriam abertas, o reinado estava pra chegar!

Durante todas as apresentações, ao sair de cena, tinha a sensação de dever cumprido. Primeiramente, acreditei que esta sensação se dava por ser a última cena que eu interpretara, mas agora sei que o espaço estava tomado para a sensação da “Lady do Convencimento”, era dela essa felicidade. Até porque como atriz, eu voltaria para o palco e viveria todas as consequências desses atos. Transferiria a Lady Macbeth, sua chance de dominar todos os seus objetivos, mesmo sabendo do fim que esses teriam, mais isto já é outro assunto. A complexidade em separar a atriz e de viver a personagem encarrega uma reflexão maior.

Embora não tenha vivido todos os atos, sair de cena com a sensação de “poder” me faz pensar que o jogo entre a mídia provocaria um tombo para a loucura que seria ainda maior. Eu fui a Lady afetada pela primeira entrevista. A primeira a ser deixada enganar. Melhor dizendo, seduzida pela primeira armação jornalística, mas a que promoveu conquistas. Afinal, nela

² "Time" é a quarta faixa do álbum de rock progressivo da banda inglesa Pink Floyd, *The Dark Side of the Moon*, de 1973, gravado no estúdio Abbey Road, em Londres.

Macbeth comprova sua primeira profecia. A segunda Lady, foi afetada pela entrevista hostil, a armadilha que anuncia o sucesso de um erro (como se o assassinato tivesse sido perfeito, sem pontas soltas). A última Lady foi afetada pela terceira e última entrevista, presenciada pela loucura de Macbeth, o que pesa na esposa, assim a mídia leva sua primeira vítima.

Nos dias 03, 04 e 05 de Julho de 2016, apresentamos no complexo cultural Funarte a primeira versão de *Macbê* - Sangue chama Sangue. Depois de ouvidas, assimiladas e aproveitadas, fizemos das críticas nossa força para o empoderamento. A segunda e última versão de *Macbê* esteve crescente a cada dia, especificamente cinco dias de experimentação e descobertas, nos dias 13, 14 (No Anfiteatro 9, ICC sul- UnB), 25 e 26 de novembro (Na Funarte). Após a primeira apresentação no Festival Estudantil de Teatro Amador (FESTA), no dia 02 de outubro, teve quatro apresentações diferentes. Posso afirmar pelo grupo que no dia 26, após todos os percalços e dificuldades, as nossas vitórias pediam pra serem energizadas ali e pela primeira vez esquecendo-se da pressão causada pela Diplomação, demos espaço para o sentimento de diversão que nos preenche ao fazer teatro. Finalizamos *Macbê* com todo calor e força que o teatro merece, pois se sangue chama sangue, felicidade também chama felicidade.

“As Estranhas Irmãs Bruxas do Destino, de mãos dadas, viajando a uma enorme...” (ultrapassando o tempo futuro, neste mesmo instante), *por terras e mares* (entre a mídia e a realidade), *andam assim, rodeando e rodeando*, (armando e armando) *volteando e volteando* (enganando e enganando), *três vezes para ti* (três bruxas) *três vezes para mim*, (três jornalistas) *e três vezes mais* (três entrevistas), *nove vezes ao todo. Paz enfim: o encanto se conclui assim.*³ (Vencem, enfim: e o plano se conclui assim).

Por fim, a bruxaria da mídia venceu. O casal não passa de vítima, que se deixa enganar pelo belo, porém podre. O jogo já tinha vencedor, o poder já tinha dono.

³ Shakespeare, William. *Macbeth*. Declamação das Bruxas no primeiro ato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, concluo que minha busca foi cumprida, embora ainda esteja em processo. Irônico? Sim. Acredito que também agi em prol de conseguir poder. O poder de fazer teatro, e fazer bem, claro.

Entre eu e a incrível personagem que estudei, houve uma diferença. Não ultrapassei limites tanto quanto ela. Entretanto, me pergunto quais são esses limites. A personagem não mede esforços em relação aos atos que levariam-na as suas aquisições. Sendo assim, estes não se aplicam aos meus objetivos.

O poder da verdade total, a entrega, a doação, o “tudo pela arte” caminha por uma estrada bem diferente. A entrega é outra. Arte não se faz com traição. Até porque como com na própria personagem, o crime é contra você mesmo. As consequências caem sobre nós.

Porém não posso ir contra o meu próprio destino, o universo, as questões complexas que a própria peça sugere. Ainda não posso interpretar Lady Macbeth. No entanto, penso que eu e Lady Macbeth somos mais parecidas do que se imagina. Ao final, a culpa nos dominou.

Sinto que a entrega poderia até mesmo ter sido maior, talvez mais ensaios, mais estudo. Porém, após todo esse aprendizado vejo que a sabedoria é a minha maior aquisição de poder nesse momento. Sei superar a culpa, eu posso.

O que não consegui, não foi por artimanha do destino, nem por fracasso meu, ou alguma outra coisa. Agora percebo que essa personagem exige uma experiência maior. Concluo sabendo o que poderia ter feito, mas também o que devo fazer de agora diante.

As razões podem ser em prol de si, mas paralelas às questões do outro, pois só irei me satisfazer quando tiver o poder de atingir o outro, de tocá-lo. Sei que me falta vivência para fazer essa personagem. O amadurecimento é a minha futura aquisição.

Não tenho a intenção de comover as pessoas, mas fazê-las sentir verdadeiramente o que circunstância do enredo pede.

Quando afirmei no início a posição do autor em relação à busca pelo poder e a cobiça dos personagens, não tinha ideia de onde chegaria. Shakespeare, como autor, é obrigado a sentenciar um final, isso literalmente, pois a obra *Macbeth*, de acordo com alguns estudiosos, teve que ser finalizada às pressas. O que sugere que o fim de *Macbeth* poderia ter sido diferente.

Entretanto, nós seres humanos temos que fazer de tudo para nos realizarmos. Cabe à consciência e a SABEDORIA, unificar esse tudo. A palavra tudo, não requer egoísmos. A busca por si acaba sendo para o outro também. É natural, é atrativo. A humanidade precisa perceber que somos todos poderosos, pois o poder não é de um só, o poder é assumir a crença de uma força.

Usando a política como exemplo, o nosso regime (democrático) pode demonstrar essa relação de poder. O regente é quem governa, mas são os governados que lhe empoderam dessa função. Aceitar a complexidade dessa relação, por mais clara que seja, é difícil.

Quando me refiro à crença, no sentido de crer na interpretação - na verdade do ator - esclarecia o nosso poder de liberdade. A arte é uma área livre.

A palavra *arte* pode ter definições diferentes de acordo com a época e culturas, mas o termo vindo do *latim* significa: Técnica/ Habilidade. Relaciona à manifestação de ordem estética, beleza, equilíbrio e harmonia, são palavras recorrentes em definir a arte. A dificuldade em definição também está relacionada à dependência cultural. Como reflexo do humano, arte também carrega complexidade de se fazer definições que a sintetizam. O paradoxo entre a liberdade e obedecer a regras se unem ao significado de arte. Diante disto, não é justo definições, é justo libertá-la.

As últimas palavras da obra *Macbeth* que anunciam vitória:

“Malcolm: Não permitiremos que se passe muito tempo e já estaremos retribuindo o amor a nós demonstrado por cada um de vós. Meus barões e parentes, de agora em diante tendes títulos de condes, os primeiros que a Escócia nomeia com tal honra. O que se tem mais fazer, e que deve ser plantado agora, quando germina esta nova era, é chamar de volta para casa nossos amigos que se encontram exilados no estrangeiro, tendo fugido às cidadelas de uma cautelosa tirania, e apresentar os cruéis ministros deste carniceiro morto e de sua diabólica Rainha, que (como se acredita) por suas próprias e violentas mãos despediu-se desta vida. Isso, e tudo o mais necessário que é de nossa obrigação, pela graça da Graça Divina, será por nós cumprido na justa medida, hora e lugar. Assim é que agradecemos a todos e cada um dos senhores, convidando-os para a cerimônia de nossa coroação em Scone.” (Shakespeare, em edição de 2013).

Nas palavras escolhidas pelo autor, a nova era, a valorização da amizade, a insistência das questões políticas, a divindade e o sagrado, o cumprimento da justiça, a gratidão e a retribuição de amor, são as comunhões que finalizam e contemplam a vitória.

Retomo a releitura que estudo em Shakespeare em comparação com Foucault. Em “A Tempestade” acontece a vitória do sábio Próspero, que concede o perdão. Nela o amor supera as conspirações oportunistas e a reconciliação ocupa o espaço da dor. E para Foucault, o poder é intimamente ligado ao saber. Ambos selam o que esta relação pode gerar, quando unidas ou separadas.

Macbeth, Lady Macbeth e Próspero possuíram poder. O casal Macbeth não aprendeu a lidar com ele, em nenhuma etapa, sendo elas: querer, adquirir e perder o poder. Já o Próspero, vence, pois paradoxalmente se desfaz do poder, literalmente, livrando-se da sua varinha que lhe concede poderes mágicos.

A consciência do que se é ter poder foi concluída por Próspero, que associou a justiça e liberdade. O casal Macbeth não adquiriu esse aprendizado. Sendo assim, a consciência pesou mais que a coroa, pois foi preenchida de culpa.

Contudo, nessa trajetória, por mais breve que seja acredito que poder é vazio de significado, uma chama realmente breve. Comprovei durante um ano e meio de estudo que ele se esvai. A busca sim não tem amanhã, é o agora, é o sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Harold. **Shakespeare: A invenção do humano**. Tradução de José Roberto O’Shea. São Paulo: Objetiva: 2000.

CHAIA, Miguel. A natureza da política em Shakespeare e Maquiavel. **Estudos Avançados**, n. 9, v. 23, 1995.

FOUCAULT, Michel **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Record; Ed-28, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O olho do poder - Bentham, Jeremy: “O Panopticon”**. Tradução Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria. Ed Piquette, Barcelona, 1980. Entrevista disponível em: www.bidvb.com:2300/+.../14%20-%20O%20OLHO%20DO%20PODER...

HELIODORA, Barbara - **Reflexões Shakespearianas**. São Paulo: Editora Lacerda,2004.

MAQUIAVEL, Nicolau – **O príncipe**. Tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L & PM, 2014.

SHAKESPEARES, William – **Macbeth**. 1ed. Tradução de Beatriz Viegas. Porto Alegre: L & PM, 2013.

STANISLAVSKI, CONSTANTIN - **A construção do personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2001.

STANISLAVSKI, CONSTANTIN. **A preparação do ator**. Ed -29. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2012.

TERCIO, Rodrigo Augusto Suzuki Dias Ferraz Junior. **Uma dimensão trágica do poder e da justiça: Shakespeare e Maquiavel**. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito). São Paulo, 2012,.

XAVIER, Felipe “Hail, Macbeth!”: uma saudação profética que prenuncia uma condição humana. Rio de Janeiro. Artigo (revista Mandrágora, Vol.15, No 15, 2009).